

CURSO INTENSIVO DE EXPOSITOR



**MANEIRAS DE DIZER
OU EXPOR UM ASSUNTO,
UM TEMA, ETC.**

METAMORFOSE AMBULANTE

Raul Seixas

*Prefiro ser essa metamorfose ambulante
Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante*

*Do que ter aquela opini o formada sobre tudo
Do que ter aquela opini o formada sobre tudo*

*Eu quero dizer agora o oposto do que eu disse antes
Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante*

*Do que ter aquela opini o formada sobre tudo
Do que ter aquela opini o formada sobre tudo*

*Sobre o que o amor
Sobre o que eu nem sei quem sou
Se hoje eu sou estrela
Amanh já se apagou
Se hoje eu te odeio
Amanh lhe tenho amor
Lhe tenho amor, lhe tenho horror
Lhe faço amor, eu sou um ator
É chato chegar a um objetivo num instante
Eu quero viver essa metamorfose ambulante*

*Do que ter aquela opini o formada sobre tudo
Do que ter aquela opini o formada sobre tudo*

*Sobre o que o amor,
Sobre o que eu nem sei quem sou
Se hoje eu sou estrela
Amanh já se apagou
Se hoje eu te odeio
Amanh lhe tenho amor
Lhe tenho amor, lhe tenho horror
Lhe faço amor, eu sou um ator
Eu vou lhes dizer aquilo o que lhes disse antes
Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante*

*Do que ter aquela opini o formada sobre tudo
Do que ter aquela opini o formada sobre tudo*

CURSO INTENSIVO DE EXPOSITORES

PRIMEIRO MÓDULO

**ABRANGÊNCIA: CONTEÚDO DAS PALESTRAS
DE ASSISTÊNCIA ESPIRITUAL**

OBJETIVOS DO CURSO:

Oferecer ao expositor proposta de trabalho com o público de assistência espiritual, pautada na teoria piagetiana da construção do conhecimento, na estrutura e funcionamento da comunicação, bem como na relação expositor-ouvinte não só para um trabalho mais próximo e direto como também para um atendimento mais eficaz às necessidades dessa clientela.

CLIENTELA DAS REUNIÕES DE ASSISTÊNCIA ESPIRITUAL

SUAS CARACTERÍSTICAS:

PESSOAS PORTADORAS DE:

- **Enfermidades Físicas;**
- **Desequilíbrios Psíquicos;**
- **Desequilíbrios Emocionais:**
 - **Angústia;**
 - **Ansiedade;**
 - **Desespero;**
 - **Amargura;**
 - **Processos de culpa;**
 - **Depressão;**
 - **Idéia de Autodestruição;**
 - **Conflitos Existenciais;**
 - **Tristeza por Perda de Entes Queridos;**
- **Traumas Psicológicos;**
- **Envolvimento Espiritual:**
 - **Auto-Obsessão;**
 - **Hetero-Obsessão:**
 - **Obsessão Simples**
 - **Fascinação**
 - **Subjugação (Moral, Física ou Corporal)**
 - **Vampirização de Energias**

ALÉM DE:

- **Público não Espírita;**
 - **Público sem Credo Religioso;**
 - **Público de Credos Religiosos Heterogêneos;**
 - **Público Flutuante, de Curta Permanência;**
 - **Público Refratário.**
-
-

OBJETIVOS GERAIS DA PALESTRA DE ASSISTÊNCIA ESPIRITUAL

1) OBJETIVOS IMEDIATOS:

Preparar o público para o recebimento da fluidoterapia através dos recursos do Evangelho de Jesus quais sejam : o socorro, a esperança, o consolo, o reergu imento e o reequilíbrio.

2) OBJETIVOS MEDIAT OS:

Oferecer ao público material para reflexão sobre o comportamento humano para a tomada de consciência e posterior transformação moral.

I - ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO DA COMUNICAÇÃO

1. EM TODO ATO DE COMUNICAÇÃO HÁ SEMPRE TRÊS COMPONENTES:

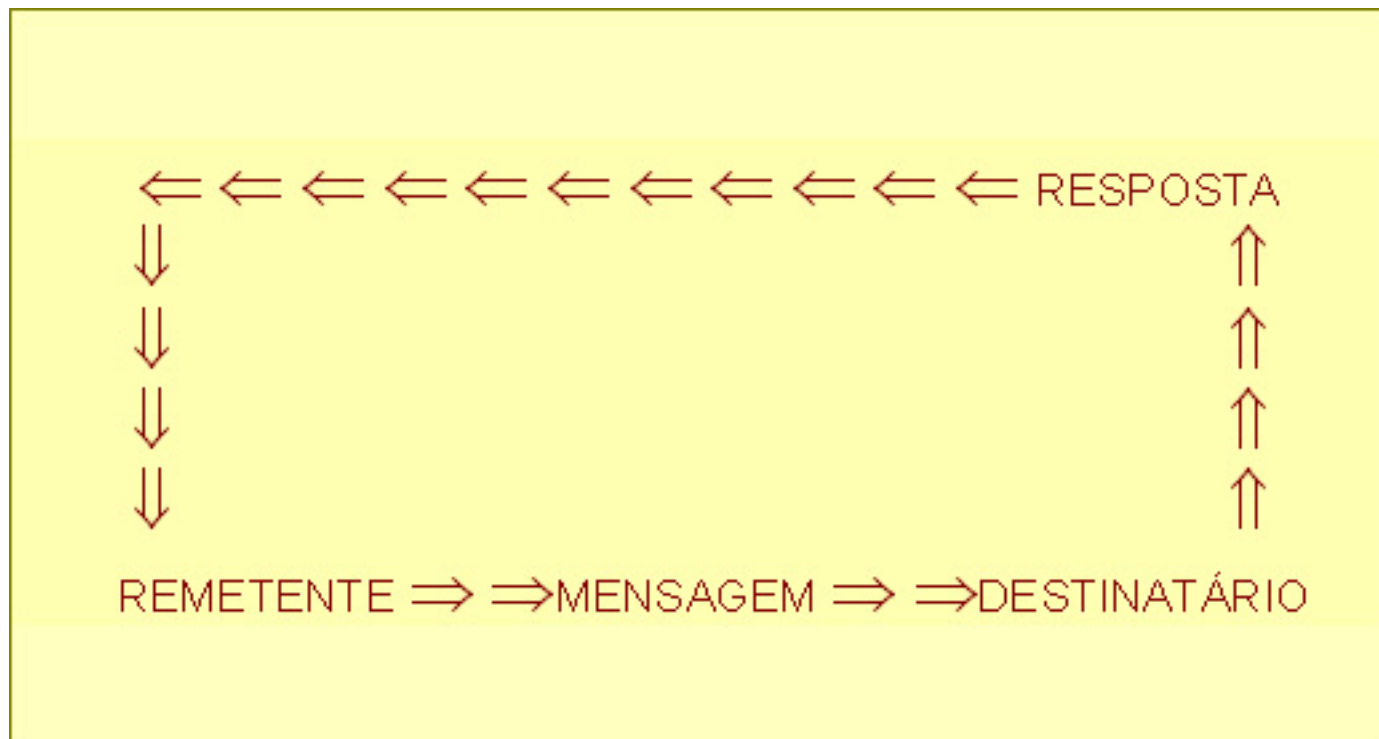
- REMETENTE
- MENSAGEM
- DESTINATÁRIO

REMETENTE: Ser animado e, em princípio, humano, que envia uma mensagem a um destinatário para que este a descodifique e produza uma resposta.

MENSAGEM: Conjunto de signos que o remetente envia ao destinatário a fim de estimulá-lo a produzir uma resposta.

DESTINATÁRIO: Ser animado e, em princípio, humano que recebe a mensagem e, depois de descodificá-la, deve produzir uma resposta esperada pelo remetente. Ele é o intérprete da mensagem.

Remetente e destinatário:
vistam a camisa, por favor!



2 - CONDIÇÕES NECESSÁRIAS AO ENTENDIMENTO EFICAZ DA MENSAGEM:

a) a) CONHECIMENTO DO CÓDIGO

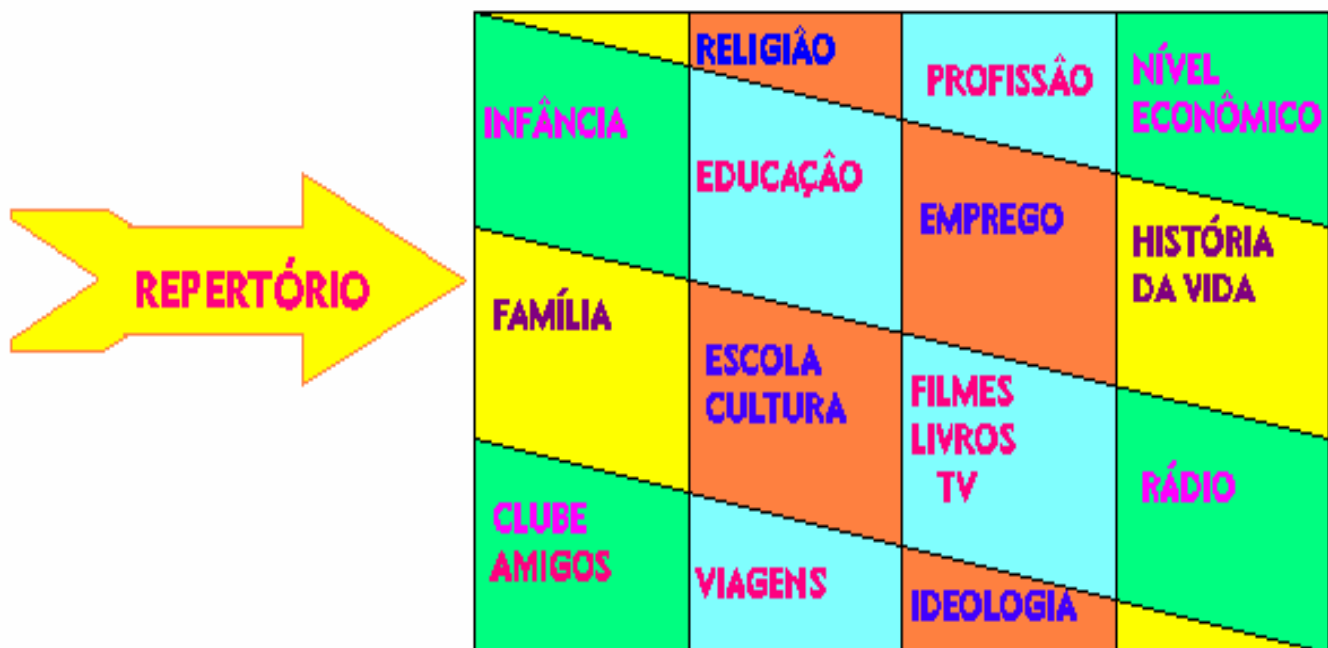
- (LINGUAGEM VERBAL)

b) b) UTILIZAÇÃO DE CÖDIGOS FECHADOS;

c) c) CONHECIMENTO DO REPERTÓRIO DO DESTINATÁRIO

- (BAGAGEM CULTURAL)

O que há dentro da bagagem ou...
do repertório?



Esta rede constitui a nossa bagagem cultural ou repertório. O repertório vem a ser, portanto, toda uma rede de referências, valores e conhecimentos históricos, afetivos, culturais religiosos, profissionais, científicos etc.

Essas referências, valores e conhecimentos mudam de indivíduo para indivíduo e de comunidade para comunidade. Assim, para um paulistano, que vive boa parte da sua vida sob um céu chuvoso e encoberto, a referência a *céu azul* pode despertar sensações bem agradáveis; para um habitante da caatinga nordestina, assolada pela seca, a expressão *céu azul* pode representar uma trágica referência, pois estará indicando ausência de chuva. É o que se pode observar, por exemplo, no célebre *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, no momento em que o vaqueiro Fabiano pressente a aproximação da seca:

Encolhido no banco do copiar, Fabiano espiava a caatinga amarela, onde as folhas secas se pulverizavam, trituradas pelos redemoinhos, e os garranchos se torciam, negros, torrados. No *céu azul* (grifos nossos) as últimas arribações tinham desaparecido. Pouco a pouco os bichos se finavam, devorados pelo carrapato. E Fabiano resistia, pedindo a Deus um milagre.

(*Vidas secas*. São Paulo, Martins, 1968, p. 147.)



Como se pode observar, referências e conhecimentos diferentes levam, é claro, a repertórios diferentes e, conseqüentemente, a um modo diferente de percebermos o mundo; as pessoas e os acontecimentos. Repertórios diferentes levam a diferentes percepções e visões de mundo.





II - A EDUCAÇÃO CONSTRUTIVISTA DE PIAGET

A educação construtivista baseia-se numa teoria que encara o aprendizado como um processo de construção, o qual se origina no interior do indivíduo, mais do que um processo de interiorização ou absorção através do ambiente.

Jean Piaget provou, porém, que as crianças não adquirem conhecimentos diretamente interiorizando-os a partir do ambiente. Depois de mais de sessenta anos de pesquisa científica, Piaget provou que as crianças constroem o conhecimento partindo do seu interior, através da interação com o ambiente, pelo processo de percorrer nível após nível de procedimento "errado", segundo o ponto de vista dos adultos.

A educação construtivista baseia-se nos seguintes princípios interacionistas:

- 1) As crianças aprendem rapidamente quando estão pessoalmente interessadas e mentalmente ativas.
- 2) A meta de longo alcance da educação deve ser a autonomia.

(Educação Construtivista: Uma orientação para o século 21. Constance Kamii. Apostila)

INTELIGÊNCIA E ADAPTAÇÃO

As estruturas da inteligência mudam através da adaptação a situações novas e têm dois componentes:

- A **assimilação**
- A **acomodação**

Piaget entende o termo assimilação com a acepção ampla de uma integração de elementos novos em estruturas ou esquemas já existentes. A noção de assimilação, por um lado, implica a noção de significação e por outro expressa o fato fundamental de que todo conhecimento está ligado a uma ação e de que conhecer um objeto ou um acontecimento é assimilá-lo a esquemas de ação. Em outros termos, conhecer, para Piaget, consiste em operar sobre o real e transformá-lo. Piaget denomina "esquema de ação" aquilo que numa ação é transponível, generalizável ou diferenciável de uma situação para a seguinte. Se alguns esquemas são simples (talvez inatos); a maioria deles não corresponde a uma montagem hereditária acabada; pelo contrário, são construídos pouco a pouco pelo indivíduo, dando lugar a diferenciações novas.

A acomodação define-se como toda modificação dos esquemas assimilados, por influência de situações exteriores. Toda vez que um esquema não for suficiente para responder a uma situação e resolver um problema, surge a necessidade do esquema modificar-se em função da situação.

A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO E A RELAÇÃO EXPOSITOR-OUVINTE

O expositor precisa atuar no mundo concreto do indivíduo, na realidade. Pelo incentivo inicial (exórdio), o expositor leva cada ouvinte em particular a construir imagens mentais, através de exemplos, situações do cotidiano, histórias.

A palestra deverá ser rica, o expositor deverá "*cutucar*" os esquemas já existentes de tal modo que o ouvinte "*desenterre*" a realidade que ele já viveu, fazendo assim uma analogia entre a situação colocada pelo expositor e aquela que jaz nos reólhos do seu mundo interior. Então ele vai compreender. Compreender é uma relação analógica. Leva à modificação dos esquemas interiores acomodados.

A riqueza de exemplos é importante. A história bem contada, cujo enredo, personagens, conflitos estejam próximos do mundo do assistido, evoca imagens mentais no arcabouço (significação) que o leva à reformulação dos esquemas interiores para uma tomada de consciência. É o "cair em si". Essa memorização é a reconstrução do real. O inconsciente precisa ser reformulado, ser reconstruído. Essas estruturas precisam ser redefinidas.

O expositor tem de provocar o interesse, motivar, mexer com o emocional. Só então a palestra transforma-se em terapia.

III - DISCURSO E ARGUMENTAÇÃO

A INTENCIONALIDADE NA PRODUÇÃO DA LINGUAGEM

A RELAÇÃO EXPOSITOR-OUVINTE

- A interação social do homem por intermédio da língua caracteriza -se, fundamentalmente, pela argumentatividade.
- Argumentação — Discussão; Raciocínio; Apresentação de Provas. Tem por objetivo sobretudo a convencer, persuadir ou influenciar o leitor ou ouvinte. Visa a provocar ou à incrementar a "adesão dos espíritos" às teses apresentadas ao seu assentimento, caracterizando-se, portanto, como um ato de persuasão.
- Discurso — Ação verbal dotada de intencionalidade — Pelo qual o homem tenta influir sobre o comportamento do outro ou fazer com que compartilhe determinadas de suas opiniões. A todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia.

DIFERENÇA ENTRE CONVENCER E PERSUADIR

- Convencer se dirige unicamente à razão, através de raciocínio estritamente lógico e por meio de provas objetivas. Tem um caráter puramente demonstrativo. Leva a certezas.
- Persuadir, por sua vez, procura atingir a vontade, o sentimento do(s) interlocutor(es) por meio de argumentos plausíveis ou verossímeis e tem caráter ideológico, subjetivo. Conduz a inferências que podem levar o auditório — ou parte dele - à adesão aos argumentos apresentados.

RELAÇÃO EXPOSITOR-OUVINTE

FUNÇÃO DO EXPOSITOR — Realiza um fazer persuasivo, procura fazer com que o ouvinte aceite o que ele diz.

FUNÇÃO DO OUVINTE — Realiza um fazer interpretativo.

a) SUJEITOS DE ESTADO — São os que estão em conjunção ou disjunção com um objeto.

Ex.: Marcos é triste.

Marcos = Sujeito

Triste = Objeto

{ RELAÇÃO DE
{ CONJUNÇÃO COM A
{ TRISTEZA

Aurélio não é feliz.

Aurélio = sujeito

Feliz = objeto

{ RELAÇÃO DE
{ DISJUNÇÃO COM A
{ FELICIDADE

b) SUJEITOS DE FAZER — São aqueles que operam uma transformação.

Marcos ficou alegre.

Aurélio ficou feliz.

AÇÃO DO EXPOSITOR SOBRE O OUVINTE

MECANISMOS DE PERSUASÃO (Mudanças de sujeito de estado a sujeito de ação)

RECURSOS DE ARGUMENTAÇÃO

1) ESCOLHA DOS TEMAS — Se a intenção do expositor é a transformação do sujeito de estado em sujeito de ação, o tema deverá circunscrever-se ao mundo de conflitos em que esse sujeito vive.

2) A MANIPULAÇÃO — Consiste em o expositor induzir um sujeito a fazer alguma coisa.

HÁ INÚMEROS TIPOS DE MANIPULAÇÃO:

a) TENTAÇÃO — Quando o manipulador propõe ao manipulado uma recompensa.

Ex.: SE VOCÊ COMER TUDO, GANHA UMA COCA-COLA.

b) INTIMIDAÇÃO — Quando o manipulador faz fazer por meio de ameaças.

Ex.: NÃO SEJA MALEDICENTE, SENÃO VOCÊ REENCARNA SEM LÍNGUA.

c) SEDUÇÃO — O manipulador leva o sujeito a fazer manifestando um juízo positivo sobre a competência do manipulado.

Ex.: NÃO SE DEIXE DERROTAR PELOS SOFRIMENTOS, VOCÊ É MAIOR DO QUE ELES.

d) PROVOCAÇÃO — O manipulador impele o manipulado à ação, exprimindo um juízo negativo a respeito da competência do manipulado.

Ex.: SE VOCÊ FOR HOMEM, PULA PRÁ CÁ!

"No episódio bíblico da tentação de Cristo no deserto ocorrem três tentativas de manipulação. Na primeira, ocorre uma provocação, pois o demônio diz a Cristo: 'Se és Filho de Deus, ordena a estas pedras que se transformem em pães'. Na segunda, acontece uma verdadeira tentação: 'Dar-te-ei todo este poder e a glória desses reinos (...), se te prostares diante de mim'. Na terceira, novamente se dá uma provocação: 'Se és o Filho de Deus, lança-te daqui abaixo, porque está escrito: ordenou aos seus anjos a teu respeito que te guardassem. E que te sustivessem em suas mãos, para não ferires o teu pé nalguma pedra'. Nas três vezes, Cristo não aceita a manipulação."

3) ESCOLHA DA ILUSTRAÇÃO — Histórias hipotéticas ou reais.

— A quem eu estou falando?

— Qual é o repertório da pessoa a que estou enviando a mensagem?

Se não conhecermos, nem um pouquinho, o repertório da pessoa a quem nos dirigimos e de quem esperamos uma resposta ou colaboração, corremos o risco de atirarmos nossa mensagem <no escuro>; não poderemos esperar nem desconfiança nem respostas <corretas>. Desconhecer ou desconsiderar o repertório do destinatário é abrir as portas para os ruídos que irão abalar a estrutura da comunicação.

O repertório constitui, portanto, outra peça essencial do mecanismo da comunicação."

(Isidoro Blikstein, *Técnicas de Comunicação Escrita*,
p. 51)

ALGUNS CRITÉRIOS DE ESCOLHA DA ILUSTRAÇÃO

Selecionar ilustrações que sejam do repertório do assistido, isto é, que falem de perto ao mundo de conflitos em que ele vive, bem como evitar aquelas deprimidas ou que mostrem o lado negativo do homem, como um ser desprovido de vontade e condenado, fatalmente, às forças cósmicas.

RESUMINDO:

- Respeitar o repertório do público.
- Evitar ilustrações deprimentes.
- Evitar as ilustrações maniqueístas.
- Evitar as ilustrações discricionárias, preconceituosas e deslocadas historicamente.
- Escolher as ilustrações que mostrem o ser em conflito, e, posteriormente, a livre decisão para a escolha.

A "LEI DO TALIÃO"

Ao ler o Antigo Testamento, muita gente fica horrorizada ao notar que ali se narram fatos onde transparece uma sede de vingança muito grande e que contraria toda a nossa visão cristã de amor ao próximo. E parece que tais vinganças recebem um aval nas leis de Israel, principalmente na chamada "lei do talião".

A palavra "talião" vem do adjetivo tal, indicando o que significa essa lei: "tal ofensa, tal punição", isto é, a cada ofensa feita corresponde uma punição equivalente: "olho por olho, dente por dente" (Ex 21,23), "fratura por fratura" (Lv 24,19), "vida por vida" (Dt 19,21). Para nós, isso soa como vingança, contrariando qualquer perspectiva de perdão: de fato, porém, é uma lei que visa justamente o contrário: substitui a vingança sem medida, para que haja um limite até mesmo na execução da justiça. Visava também a exterminar as vinganças pessoais e indiscriminadas para que a justiça fosse exercida diante de testemunhas e por um juiz. Inclusive, a lei do talião foi aos poucos sendo abrandada, substituindo a punição física por algum tipo de compensação.

Muitos dizem que esta era uma lei para um tempo em que a civilização estava muito atrasada, mas que agora, com o Novo Testamento, isso já foi superado. No entanto, resta saber se a nossa prática de civilizados com dois mil anos de cristianismo não é a mesma do talião: "tal tapa na cara, tal tapa na cara; tal míssil nuclear, tal míssil nuclear". Quando nós hoje nunca mais olhamos para o rosto de alguém só porque ele nos ofendeu, certamente nem mesmo a lei do talião observamos, pois no Antigo Testamento era uma questão de defender a justiça.

MANIQUEÍSMO



O MAL

O BEM

MANIQUEÍSMO, s. m. — *Maniqueu, n. p. + ismo*. Doutrina fundada por Mani no séc. III, na Pérsia, segundo a qual o Universo foi criado por dois princípios que se combatem: o Bem, ou Deus, e o Mal, ou o Demónio.

O *maniqueísmo* apareceu primitivamente como uma nova religião e não como uma heresia cristã, caráter que assumiria mais tarde, devido, principalmente, à grande difusão que encontrou entre as comunidades cristãs. Parece que Mani não chegou a conhecer o Cristianismo, pelo menos em sua forma ortodoxa. Sua religião fundiu elementos cristãos, judaicos, budistas, do mazdeísmo persa e do folclore da região, baseada, sobretudo, como o mazdeísmo, na oposição entre os princípios do Bem e do Mal. Pregava um ascetismo rigoroso, que permitiria a expulsão das forças do Mal de dentro de cada ser humano. A doutrina era difundida por *eleitos*, espécie de monges ou santos que levavam uma vida de renúncia, sendo sustentados pelos *ouvintes*, isto é, a massa do povo, que não era forçada às mesmas limitações. Acima dos *eleitos* estavam os *sacerdotes*, depois 72 bispos e, ainda 12 *doutores*, um dos quais, o chefe supremo, tinha sede em Babilônia. Tendo-se perdido as obras do fundador do *maniqueísmo*, os poucos fragmentos que subsistem são as citações de autores cristãos e, em particular, de Sto. Agostinho, que o professou entre os 19 e 28 anos, e que foi depois um de seus mais sérios adversários. Apesar disso, a nova religião desenvolveu-se consideravelmente no Oriente, chegando a fundir-se com o budismo, no Turquestão Chinês, por volta do séc. VII. Teve muitos adeptos igualmente no Império Romano, tanto do Ocidente como do Oriente, assumindo caráter de uma heresia cristã. Os imperadores instituíram as mais drásticas medidas contra os maniqueus, chegando a Imperatriz Teodora a mandar matar cem mil deles. Todavia exerceram mesmo um papel político; aliados aos árabes, constituíram, por muito tempo, séria ameaça ao poder de Bizâncio. Derrotaram em diversas ocasiões os exércitos imperiais, mas foram por fim vencidos e dispersados. Tiveram ainda numerosos adeptos entre os turcos. No séc. XII, teve considerável difusão uma forma chinesa de *maniqueísmo*, que fazia de Mani um quinto Buda, tornando-se, assim, essa crença, uma heresia do budismo. Concepções maniqueístas tiveram uma grande aceitação na Alemanha, França e Inglaterra, a partir do séc. XI.

A COISA MELHOR DO MUNDO

Eu tenho 18 anos e faço planos. Como sou mulher, faço planos de mulher: estudar (hoje as mulheres estudam), trabalhar (hoje as mulheres são independentes), casar (hoje, como sempre, as mulheres se casam). Como tenho 18 anos, o mundo está na minha frente e é nele que eu mergulho todos os dias: faculdade pela manhã, trabalho à tarde, namoro à noite. Tudo muito certinho, como deve ser. Tudo como convém aos anos 50. Tenho 18 anos e estou mergulhando no mundo; todas as manhãs, estudando, todas as tardes, trabalhando, todas as noites namorando. Sou muito feliz, como convém ser. Inteligente na faculdade, pontual no trabalho, ajustada no namoro. Tudo muito certinho, tão certinho que chega a me assustar. Há pessoas, como eu, com 18 anos, que tentam mergulhar na vida e não. Se o trabalho vai bem, o namoro vai mal. Eu não. Eu sou muito feliz. Os professores gostam de mim, as pessoas com quem eu trabalho me admiram, meu namorado me adora. Ele chega a dizer que eu sou perfeita, do jeito que ele queria e precisava, e procurava. Eu também acho que ele é perfeito, do jeito que eu quero, preciso e não procuro mais. Se marcamos um encontro, chega antes da hora e me espera sorrindo. Aos domingos, almoçamos juntos, na cidade. Ficamos muito tempo de mãos dadas, cantando músicas do João Gilberto, ou calados, sorrindo. Admiramos a inteligência um do outro. Colocamo-nos apelidos carinhosos. Escrevemos e desenhamos um pro outro, escritos e desenhos cujo significado ninguém entende, além de nós. Prometemos casamento um pro o outro. À noite, quando vou dormir, não ouço os barulhos que vêm da rua: o som que me acompanha é o da sua voz. E eu fico pensando que a coisa melhor do mundo é ter 18 anos e mergulhar na vida e sonhar com o futuro a dois: uma sala na penumbra, um disco de João Gilberto, mãos dadas, palavras carinhosas, as mesmas de sempre, gestos carinhosos, os mesmos de sempre, silêncio, sorrisos, felicidade. (*)

(*) Viana, Viviana de Assis. A coisa melhor do mundo. In: Matos, Clóder Rivas e Mesquita, Roberto Mello. *PAI. Comunicação e expressão*. 8.ª série. São Paulo, Saraiva, 1982.

Pé de Guerra

Zezinho gostaria que os soldados de brinquedo tivessem vida. Lutassem. Gostaria, sim.

Até que um dia, no quintal, depois de cavar pequenas trincheiras, conforme vira no cinema do bairro, arrumou-os em posição de combate.

Os canhões ficaram atrás.

A imaginação trabalhou, violenta. As tropas inimigas, frente ao seu pequeno exército, foram vencidas com pedradas. Em pouco tempo.

Mas a sua vitória lhe trouxe imensa tristeza. Como consertar os inimigos quebrados?

Zezinho sentiu que podia destruir: mas estava muito triste.

Nem sequer comeu, naquele dia, o jantar que sua mãe preparara.

— Só um pouquinho.

— Não quero.

— Por que, menino?

— Mãe... eu matei gente, hoje. Uma porção de soldados.

— Quê?

— Soldados sem perna. Sem cabeça. Sem braço. Foi horrível. Tenho vontade de chorar.

— Que bobagem é essa?

— Mãe... Você compra aquela ambulância na venda do Onofre? A que tem a cruz vermelha?

— Pra quê?

— Para tratar deles. Vou fazer muletas de pau-de-fósforos.

Zezinho teve febre. Chamaram doutor. Ninguém entendia. Mas a guerra continuava na febre do menino.

— Avançar! Primeiro canhão, fogo! Continuava a loucura bélica:

— Mete a faca nele! É uma ordem! A criança se agitava. O médico falou:

— Não entendo. Ele comeu alguma coisa na rua?

— Não, doutor. Brincou o dia todo no quintal.

Foi examinado dos pés à cabeça. Nada.

— Vou receitar calmante. Ele está muito agitado. Não entendo mesmo.

No dia seguinte. Zezinho resolveu enterrar seus mortos. Generais e soldados. Lado a lado.

Maneco pulou a cerca e perguntou o que era aquilo.

— Nada.

— E esse negócio aí, com a bandeirinha?

— Nada. Vai embora! Já disse.

Maneco foi.

Ele arrumou alguns sobreviventes inimigos. Estava com raiva. Sem tristeza. Arrumou seu exército. Poucos existiam do outro lado. Mas eram inimigos.

As pedradas foram certas.

A devastação foi geral. Conferiu: nada mais restava.

Olha, depois, suas tropas. Perdera a noção das coisas: destruiu seu próprio exército.

Nada mais restava dos brinquedos.

Marchou sozinho pelo quadrado de terra, limitado pelas cercas de bambus.

Com a corneta, presente do tio Anselmo, tentou tirar alguns sons.

Corneta rouca de plástico.

Apanhou pedras e foi atirando. Quebrou vidraças.

Só então, lembrou-se que os pais brigavam dia e noite. Discutiam. Certa vez, o pai bateu na mãe. Tentou socorrê-la, mas foi atirado contra a parede esburacada. Sangrou.

Brigavam muito.

Principalmente quando o pai chegava bêbado.

Os soldadinhos eram comprados com as economias da mãe: costurava para fora.

Chegou em casa e apanhou a caixa de sapatos, vazia. Desenterrou os sepultados mutilados.

No tanque, lavou-os com amor: pernas, braços, cabeças.

Ressuscitava-os na sua imaginação.

Arrumou-os na caixa e jogou fora os armamentos. Lamentava aquela guerra inútil, tentando consertar os estragos.

Naquele instante, sentiu-se feliz: havia paz.<>

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- **Koch, Ingedore G. Villaça**. Discurso e argumentação. A Intencionalidade na produção da linguagem. In: - Argumentação e linguagem, São Paulo, Cortez Editora, 1987, p. 19 -24.
 - **Blikstein, Izidoro**. Estrutura e funcionamento da comunicação. In: - Técnicas de Comunicação Escrita. São Paulo, Ática, 1987.
 - **Thompson, James J.** Anatomia da Comunicação. Rio, Edições Bloch, 1973.
 - **Fiorin, José Luiz**. Percurso gerativo de sentido. In: - Elementos de Análise do Discurso. São Paulo, Contexto, 1989, p. 21-5.
 - **Abreu, Antônio Suárez**. Curso de Redação. São Paulo. Ática, 1989.
 - **Freire, Paulo**. A importância do Ato de Ler. São Paulo, Cortez Editora, 1981.
 - **Nogueira, Carlos Roberto F.** As origens do Anjo Rebelde; Cristianismo e demonolatria; Deus e o Diabo: a pedagogia do medo. In: O Diabo no Imaginário Cristão. São Paulo, Ática, 1986, p. 41 -2.
 - **Storniolo, Ivo & Balancin, Euclides Martins**. A lei do talião. In: - Conheça a Bíblia. São Paulo, Edições Paulinas, 1986, p. 41-2.
 - **Evangelho de Jesus**, Lucas 2:10; Mateus, 5:25-26 e 18:7.
 - **Piaget, Jean**. Os pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1978, p. 10 -12.
 - **Kamii, Constance**. Educação construtivista: Uma orientação para o século 21. Apostila. Tradução de Zayra Freitas Guimarães.
 - **Pires, J. Herculano**. Determinismo e liberdade. In: - O Ser e a Serenidade. São Paulo. Edicel, p. 86 -90. - Determinismo e livre-arbítrio. In: O Espírito e o Tempo. Edicel, 1977, p. 171 -5.
 - **Weor, Samael Aun**. O livro da vida; Criaturas mecânicas. In: - Tratado de Psicologia Revolucionária. São Paulo. Movimento Gnóstico Cristão Universal do Brasil na Nova Ordem, 1990.
 - **Rizzini, Carlos Toledo**. Determinismo e livre-arbítrio. In:- Evolução para o Terceiro Milênio. São Paulo, Edicel, 1987, p. 130-141.
 - **André Luiz - Francisco C. Xavier**. Ação e reação. Rio de Janeiro, FEB, 5.^a edição.
 - **Reboul, Olivier**. Treze casos de doutrinação (Fazer aprender sem compreender aquilo que deveria ser compreendido). In: Doutrinação. São Paulo. EDUSP, 1980, p. 5 -6.
 - **Gasparetto, Zíbia M.** O saber esperar (Marcus Vinicius). In: - Voltas que a vida dá. São Paulo, Edicel, 1977, p. 67-70.
 - **Citelli, Adilson**. Textos persuasivos no livro didático. In: - Linguagem e Persuasão. São Paulo. Ática, p. 54-7)
 - **Emmanuel - Francisco Cândido Xavier**. Indução e Ação e Assuntos de Paz. In: Amigo. São Paulo . Ceu, p. 49 a 52 e 59 a 63.
 - **Irmão X - Francisco C. Xavier**. Dívida e resgate. In: - Contos e apólogos. Rio. FEB, 1974, p. 101 -4. A ficha - mensagem psicografada.
 - **Quintanilha, Dirceu**. Pé de guerra. Apud Reflexão e Ação em Língua Portuguesa, São Paulo, Editora do Brasil, p. 8-9.
 - **Denis, Léon**. O problema do ser, do destino e da dor. Rio. FEB 10.^a edição.
-